

**MÁRIO DE ANDRADE: UM TEXTO
INTERROMPIDO OU UM TEXTO TERMINADO?**

Telê Porto Ancona Lopez
Instituto de Estudos Brasileiros - USP

RESUMO - Partindo da distinção entre texto inacabado, texto interrompido e texto terminado no processo de criação de Mário de Andrade, nos inéditos conhecidos, o estudo se detém na elaboração de *Balança, Trombeta e Battleship*, conto que foi objeto de edição genética, em 1993.

ABSTRACT - Considering the distinction among unfinished, interrupted and concluded texts in Mário de Andrade's creative process, in his known unpublished writings, the study concentrates on the writing of *Balança, Trombeta e Battleship*, a short story that was the object of a genetic edition in 1993.

RÉSUMÉ - Partant de la distinction parmi texte inachevé, texte interrompu et texte accompli dans le processus de création de Mário de Andrade, dans ses inédits connus, l'étude s'occupe de l'écriture de *Balança, Trombeta e Battleship*, conte qui a été l'objet d'une édition génétique, en 1993.

À recuperação de um texto interrompido ou inacabado, datas ausentes, seqüência no apontada, cabe distinguir um encadeamento, o modo de formar plausível, uma lógica íntima capaz de vencer a desordem, atenta às barreiras temporais e à complexidade do universo da criação de um autor. A escritura dos textos interrompidos ou dos inacabados revela um processo em decorrência, a criação surpreendida em uma parada, voluntária ou não. Quando soma o caráter de inédito, mais complexa é a presença do mundo privado, particular de quem escreve, nessa parcela por ele ainda não colocada perante os olhos do público, mormente se faleceu sem deixar explicações ou dispor sobre o destino do manuscrito. Mundo que, no âmbito do trabalho, reúne fases, decisão, hesitações, distrações e lapsos, mudanças de rumo. E se abre para certas paragens da mente, ao absorver impulsos ou motivos presos a recursos e mecanismos de defesa; ao encarar entraves e frustrações dizendo respeito, em alguns casos, a ditames de época.

O conjunto das versões, etapas e rasuras, em um manuscrito, ou das variantes, nas versões publicadas, multiplica um texto, nele fundindo diversos textos dialeticamente coexistentes e assim possibilitando muitas leituras. Esse fato, em um texto interrompido ou inacabado de Mário de Andrade, reveste-se de especial importância; garante, para a crítica genética, a possibilidade de se aproximar dos diferentes momentos no processo de criar e escrever de um autor que tinha por hábito destruir as primeiras instâncias de seu trabalho e as versões finais de tudo que se

tornava letra impressa. Um "scriptor" defendendo seu segredo, enfim. Raros são os testemunhos da fase de notas, esboços ou rascunhos que escaparam a esse apagar de passos nos itinerários da escritura. Guardava apenas o não publicado, o não concluído: textos quase prontos para a edição, a que devia este ou aquele remate, e textos temporariamente deixados de lado.

A falta de acabamento, o projeto incompleto em determinadas partes que o compõem, o preparo distante no tempo, paradoxal no presentificar o fluxo da criação na pena que correu ou na máquina que disparou, rabiscos e rasuras imediatos lutando pela sintonia entre idéias e execução, esquecendo por vezes a gramática, vale como a memória que respalda o texto impresso, que esclarece soluções que nele se encontram. Que amplia, em suma, a compreensão da obra de um autor percebendo o desdobramento do "scriptor" em leitor e crítico de si mesmo.

O processo de criação de Mário de Andrade poeta e ficcionista estende-se, muitas feitas, em variado tempo de elaboração ou de espera, reconhecido o trabalho que multiplica notas e esboços, rascunhos e versões passadas a limpo - sempre rasuradíssimas! - dividindo-se entre o inseparável bloco de bolso, de folhas destacáveis, os cadernos escolares onde escreve a lápis, as folhas que mete na máquina Remington, teclando o cifrão para recobrir tudo o que descarta, e às quais volta em leituras sucessivas. Trabalho que não usa borracha e está em todos os lugares, em qualquer hora, culminando na escrivaninha do estúdio da casa da rua

Lopes Chaves. Ocupação que não se limita a um único projeto ou texto. Como as idéias fluem sem cessar na imaginação fecunda, Mário inicia, ao mesmo tempo, poemas, contos e romances (ensaios também !) que vai desenvolvendo, simultaneamente ou não, no passar dos anos. Pode, por exemplo, se lançar de imediato em um romance, cumprindo na escritura as exigências da criação que no se detém. Tempo breve de produção não significa menos que dois anos, dois anos e meio, entre esboçar, reunir dados, redigir, emendar, encaminhar os originais à gráfica e sobrepor reparos às provas, essas, no caso mariodeandradiano, totalmente desaparecidas. Ocorre, também o fato da criação exigir intervalos razoáveis e até distância por dilatado período, repousando em esboços e versões parciais, ou mover-se em deslocamentos e permutas, fusões e cortes, como em "Frederico Paciência" e *Café*. Em 1924, Mário interrompe o conto onde está focalizando a adolescência de dois meninos; em 1939, empresta trechos dele ao romance que não levará a cabo, *Quatro pessoas*, trechos que devolve ao manuscrito de origem, em 1942. A redação de um primeiro *Café*, romance, data de 1929; relegada à gaveta do autor, desdobra-se, em 1942, na série jornalística - da narrativa/lições, *Vida do cantador*. Entretanto, em 1933, depois em 1939 e, por fim, em 1942, a parcela da fazenda de café ganha autonomia na "concepção melodramática", poesia buscando a ópera. Interrupções e retomadas vêm-se assumidas na datação aposta aos *Contos novos*. *Quatro pessoas*, em 1943, depois de breves interrupções, transforma-se em texto abandonado. Ante a notícia da queda de

Paris, Mário recusa a preocupação com "o destino de quatro indivíduos - envolvidos em dois casos de amor - quando o mundo sofria tanto e a cultura recebia um golpe profundo", conforme declara em entrevista a Mário da Silva Brito, no *Diário de São Paulo*.

Para o criador de Macunaíma, o texto é sempre inacabado, sujeito a retoques, mesmo quando toma forma de livro, pois, no que apelida "exemplar-de-trabalho", deve, com a pena de Sísifo, procurar melhores soluções. Ou quando sai publicado no jornal e reclama emendas a caneta sobre os recortes, tanto para restabelecer pontos de um projeto lingüístico inovador não acatado pela composição, como para reformular trechos. Aos exemplares e recortes, a reelaboração menor ou maior, a tinta ou a lápis, confere, assim, a dimensão de manuscrito.

Entre os manuscritos de Mário de Andrade, no arquivo dele, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, encontra-se *Balança, Trombeta e Battleship ou o Descobrimento da Alma*, texto de cuja edição genética e crítica (houve um fragmento publicado) me encarreguei, em 1993. A edição que associa o IEB-USP ao Instituto Moreira Salles inscreve-se nas comemorações dos 100 anos de Mário de Andrade e deve sair em abril de 1994, pela Companhia das Letras.

Balança, Trombeta e Battleship ou o Descobrimento da Alma, do nascimento como conto, em 1927, até a única publicação que alcança, como excerto de romance, em fevereiro de 1940, no nº 2, ano 12, na revista do modernismo português *Presença* e a correção que, logo depois, a atinge, possui uma

história movimentada. Ou melhor, um acidentado percurso de 13 anos, em que os descansos sem razão declarada e os regressos cuidam de transformações no gênero, no nome do protagonista, na construção das personagens femininas e no espaço da narrativa. Planejado como conto de temática paulistana, durante a viagem do autor à Amazônia, notas escritas em São Paulo, propondo seqüências, passa a romance e conhece um primeiro capítulo, possivelmente em 1933; muda-se, por certo, para o Rio de Janeiro, em 1938, junto com Mário. Lá, em 1939 talvez, é dividido, copiado e rasurado, recebendo preparo para edição parcial no ano seguinte. No fim da década de 30 e início dos anos 40, o escritor tornara-se amigo de José Osório de Oliveira, intelectual português que o pusera em contato com a revista *Presença*. Nessa mesma época envia para *Atlântico*, órgão de cooperação cultural dos governos brasileiro e lusitano, um estudo seu sobre o Sequestro de Dona Ausente, colaboração de que se arrepende, considerando a realidade política de dois governos ditatoriais. É interessante pensar que, no mesmo momento em que traz à tona o ensaio onde analisa o lirismo amoroso na poesia popular, lirismo ocupado com a solidão do homem que se afasta da mulher durante as navegações ou na colonização de regiões longínquas, Mário de Andrade possa banir seus seqüestros e oferecer o excerto *Balança, Trombeta e Battleship* à revista de Coimbra. A eclosão das fantasias ligadas ao desejo do homem, raiz da criação das personagens Josafá/Battleship, Balança e Trombeta e D. Maria/Juizo Final, diz respeito à viagem do Turista Aprendiz à Amazônia. A bordo dos vaticanos *São*

Salvador e Vitória, Mário conhece o norte do Brasil na companhia de D. Olivia Guedes Penteado, Mecenas do modernismo paulista, da sobrinha dela, Margarida Guedes Nogueira, Mag, e da filha de Tarsila do Amaral, a Dolur, meninas de 15 anos. O diário do Turista traz a chave dos apelativos das personagens que nascem durante a viagem. A propósito da presença a bordo do menino Josafá, o viajante e suas jovens companheiras, trio empenhado em inventar apelidos e histórias, divertem-se com a lembrança - partindo certamente do ex-congregado mariano - do sermão de Vieira sobre o julgamento universal. Das palavras do grande orador sacro, sobram, no espírito galhofeiro dos excursionistas, a trombeta do anjo que reúne a humanidade revivida e a balança destinada a pesar todas as ações na hora do Juízo Final. Palavras com sabor de brincadeira. Dolur passa a se chamar Trombeta, Mag, Balança, e D. Olivia, a que ditava as regras do bom comportamento, vira, no segredo entre os três, Juízo Final. Estes nomes ecoam na ficção esboçada que esconde uma quarta aproximação: o autor prende em si Josafá, primeiro batismo de Battleship. Assim, no vaticano que leva o Turista e suas amigas desdobra-se o vale do profeta Josafá, cenário do julgamento derradeiro, local onde não importam os limites físicos, mas o prodígio de reunir os homens de todos os tempos, além da materialidade. Esse chão de Josafá sustém o diário do Turista no modo de formar o texto, solução oferecendo a coexistência de gêneros e discursos; juntando testemunho, confidência, páginas de viajante cronista, de ficção surrealista, notas de pesquisa etnográfica. Recebe a multiplicação do ser quando o

autor constrói a personagem Turista Aprendiz e quando o artista explora, no conto esboçado, a dimensão do desejo com que a mesma viagem marca o homem. Nele se move, portanto, o desejo que se verá satisfeito, até certo ponto, pelo pickpocket primeiramente batizado Josafá e, depois, Battleship, ao tomar o veículo que serve para atacar as interdições da realidade a bordo do vaticano ... Battleship, o ladrão que atinge, cheio de pureza, as regras que regem a propriedade privada e a moral vigente.

A eclosão das fantasias do homem captadas pelo artista em 1927 precisa, no entanto, da pausa para que os anos decorram, da transferência do entrecoto para um segmento ínfimo da classe desprivilegiada (ainda que ele possa ser receptáculo do erotismo edênico) e da publicação fora do país. A invenção reflete o eu cindido do autor e logra driblar parcialmente sua censura. Aqui não há necessidade de supressão explícita como aquela que, no "exemplar-de-trabalho" de *Macunaíma*, condena a seqüência em que o herói pretende "brincar de marido e mulher" com a normalista, supressão praticamente imposta pela celeuma causada no seio da pequena burguesia de onde vinham as alunas da Escola Normal da Praça da República (1ª ed. - cap. XI). No rascunho que resta, no capítulo ou no conto efetivamente escrito, no fragmento publicado, não se consuma o descaso radical com a moral vigente, descaso que veste as relações interpessoais no esboço que resume a trama em 1927 e nas anotações imaginando seqüências, logo depois. O ficcionista simplesmente pára de trabalhar.

Nada conta a seus interlocutores epistolares; nada declara em entrevistas. Aliás, pelo que se sabe, Mário, habituado a discutir com os amigos - principalmente com Bandeira e Carlos Drummond de Andrade - aspectos de sua poesia e de sua ficção, confiando à carta instantes de seu processo de criar e explicações sobre o trabalho, nada deixou enquanto comentário ao manuscrito. A narrativa focalizando o amor do pickpocket por duas meninas que vivem com uma velha, na verdade, mais do que um inacabado, torna-se, em 1940, um texto interrompido. Abandonado talvez, consciente ou inconscientemente; ou, ainda, concluído, até onde o ensaísta do "Amor e medo" pôde chegar. Texto que se entrelaça com o do diário do Turista Aprendiz.

O verso de Mário "Só o esquecimento é que condensa" serve para melhor se compreender as substituições ocorridas na caracterização das personagens femininas e no espaço da narrativa, quando a criação despreza o subúrbio paulistano, seara do compassivo Belazarte, onde tinha início a ação, no resumo de 1927, escolhendo lugar capaz de repetir, na periferia da metrópole, uma ambiência selvagem, operando uma quase reconstituição do espaço edênico da Amazônia. Lá, na Amazônia da viagem, cumpria recorrer à proteção da cidade longínqua. Libertando-se a ficção das amarras mais urgentes do desejo, a coerência pode imperar. Em uma determinada etapa da elaboração do excerto e no aparecimento dele na *Presença*, quando o autor pretende anunciar uma narrativa longa, aparece a classificação quanto ao gênero - idílio. Essa

classificação a que, em 1927, recorrera o experimentalismo do modernista em *Amar, verbo intransitivo*, romance, na verdade, de fortes vínculos com as cenas, cinematográfico até, dedicado a uma iniciação amorosa, como a de Dafne e Cloé, havia privilegiado a presença da natureza (basta lembrar a cena de Fräulein na floresta da Tijuca). A menção a um gênero que, no barroco, havia explorado o erotismo no contexto de quadros bucólicos, pareceu, quem sabe, a Mário de Andrade, adequada à narrativa em que cresce um momento, uma cena em que se consoma um rito de passagem, tendo como espaço o richo de chuva, na natureza, quando esta ganha foro edênico.

A edição genética de *Balança, Trombeta e Battleship ou o Descobrimento da Alma* prolonga-se minimamente em edição crítica, consideradas a única publicação parcial do texto e a correção com que a marcou o autor. Respeitando as condições de texto interrompido e de inédito, deseja fornecer todos os elementos que conseguiu reunir, para que o leitor, mesmo não familiarizado com edições deste tipo, acompanhe um itinerário e nele perceba o forte sentido de presente, de trabalho sendo vivido, que ilumina os sete momentos-testemunhos da criação e da escritura desta narrativa. É grave o itinerário que tem como último marco a divulgação do fragmento na *Presença*. O que apresenta resulta da análise que visou decifrar, unir retalhos, ciente da fragilidade de resgates como este; da pesquisa que surpreendeu não só os caminhos d'*O Turista Aprendiz*, como os do cronista de *Os filhos da Candinha*, do desenhista e do

fotógrafo Mário de Andrade, cruzando-se com os da narrativa interrompida.

Balança, Trombeta e Battleship ou o Descobrimento da Alma, pela impalpável consciência da clivagem do homem contemporâneo, pela exploração bem realizada de uma das principais obsessões do autor, a busca da unidade do ser na ambiência selvagem, impõe-se como um texto que enriquece a obra de Mário de Andrade. Para os estudiosos do manuscrito, tem a graça de conservar um itinerário bastante completo da escrita.

Notas e Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Zélia Galvão de "Quatro pessoas: Uma edição crítica". In: ANDRADE, Mário de *Quatro Pessoas*. Edição crítica de Belo Horizonte, Itatiaia, 1985, p.13-30.

ANDRADE, Mário de "Amor e medo". In: *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo, Martins, s/d.

_____ "A dona ausente". *Atlântico: Revista Luso-Brasileira*, nº 3. Rio de Janeiro/Lisboa, DIP/SNP, 1943, p.9-14.

_____ Os filhos de Candinha. São Paulo, Martins, 1943.

_____ *O Turista Aprendiz*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo, Duas Cidades/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

_____ *Poesias Completas*. Edição crítica e comentada de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte/ São Paulo, Itatiaia/ Editora da Universidade de São Paulo - EDUSP, 1987.

_____ *Táxi e Crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez São Paulo, Duas Cidades/ Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

BATISTA, Marta Rossetti e LIMA, Yone Soares de *Coleção Mário de Andrade: Artes Plásticas*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros/ Metal Leve, 1984.

BRITO, Mário da Silva "Uma excursão pelo fichário de Macunaíma: Reedições, novas obras e planos futuros de trabalhos de Mário de Andrade - o mais organizado intelectual do Brasil". *Diário de S. Paulo* 2 dez. 1943. (Recortes - Arquivo Mário de Andrade, IEB- USP) Transcrição em: ANDRADE, Mário de. *Entrevistas e depoimentos*. Ed. organizada por Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo, T.A. Queiroz, 1983, p.96.

DICKENS, Charles *Oliver Twist*. Tradução de José Maria Machado. São Paulo, EDIGRAF, s/d.

HAY, Louis, NEEFS, Jacques et al. *Le manuscrit inachevé: Écriture, Création, Communication*. Paris, Éditions du CNRS, 1986.

SIMÕES, Inimá *Salas de cinema em São Paulo*. São Paulo, PW/ Secretaria Municipal de Cultura/ Secretaria do Estado da Cultura, 1990.

ENTREVISTA

Embaixadora Margarida Guedes Nogueira a Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro, 1976.